

A Opinião dos Leitores da Gazeta de Matemática

Graciano de Oliveira

A Gazeta de Matemática pertence aos seus leitores e é função da Redacção materializar o projecto editorial da revista. A Gazeta de Matemática (tal como a SPM, sua proprietária) não tem fins lucrativos; visa somente ser um veículo de difusão da cultura matemática e do que acontece no mundo da Matemática. Pretende, numa palavra, ser útil a todos os que utilizam ou gostam da Matemática. Para conseguir os objectivos assinalados, não basta a Redacção estar convencida de que está a proceder bem, é indispensável saber o que pensam os leitores. Com esse fim, cria-se uma secção de *cartas do leitor* e fez-se um *inquérito* cujos resultados vamos apresentar e comentar, acompanhando-os de algumas especulações.

Neste número, anuncia-se a abertura de uma secção de *cartas do leitor*. Nela, os leitores poderão pronunciar-se sobre quaisquer assuntos de relevância para a Gazeta de Matemática e para a Matemática em geral.

Uma ideia muito espalhada entre nós é a de que os portugueses tendem a ser pouco participativos, delegando com alguma facilidade capacidades de decisão, atitude que muitos pensadores têm relacionado com o sebastianismo ou o messianismo, isto é, a esperança que os cidadãos depositam na aparição de um messias, ou dirigente, que lhes resolva os problemas em vez de os resolverem eles próprios. Haverá uma certa dose de verdade nisto e experiências anteriores (por exemplo, a escassez de cartas em secção idêntica no Boletim da SPM, a fraca participação em Assembleias Gerais, o fracasso de um debate nacional, em tempos propos-

to, sobre a preparação científica versus pedagógica dos professores) parecem confirmar a teoria. Esperamos um desmentido urgente e categórico dos leitores da Gazeta de Matemática na secção de cartas que agora se abre. Todas as opiniões serão bem-vindas e escusado será dizer que as discordantes serão objecto de especial estudo e atenção. E redijo esta crónica em estilo um tanto provocatório, exactamente para provocar respostas! E aproveitarei para tocar temas capazes de despertar discordâncias.

Na mesma linha de pensamento, pôs-se, há muito, um inquérito na página da Gazeta na Internet (<http://www.spm.pt>) através do qual se procurava auscultar a opinião dos leitores. O número de respostas foi pouco mais que zero apesar de o número de visitas à página ser bastante elevado. É difícil interpretar a discrepância: muitos visitavam a página mas poucos opinavam, e, não se encontrando outra explicação razoável e fundamentada, é de admitir que corrobora o que no início se disse (e esperamos seja desmentido em breve com as cartas dos leitores...). Resolveu insistir-se e com o Volume 144 (Janeiro de 2002), enviou-se o mesmo inquérito em papel acompanhado de um envelope de resposta paga. O número de respostas aumentou substancialmente. Uma conclusão parece impor-se: os leitores preferem o papel à internet, sendo de pôr a hipótese de a preferência se dever a muitos não terem acesso fácil à internet. Pode mesmo ir-se mais longe especulando sobre o valor que os leitores dão às novas tecnologias (problema actual e candente...) pois é pro-

vável que grande parte, não todo, do barulho que se faz à volta das novas tecnologias na Matemática venha mais de uma vontade de vender um produto do que de reais vantagens. Sobre este ponto vale a pena pensar e vale a pena divagar. Por exemplo, é bem sabido que o velhíssimo ábaco é muito mais rápido para as 4 operações (há outras acções em que o ábaco perde) do que qualquer calculadora. Nunca o ábaco, no mundo ocidental, foi objecto da propaganda dedicada às calculadoras. Provavelmente porque nunca apareceu ninguém interessado em o vender. Recordo, com frequência, que no meu tempo da escola primária existia uma tabuada constituída por diversas folhinhas de papel do formato de uma pequena agenda que se podia guardar em qualquer algibeira, por pequena que fosse, o seu peso era quase zero, não se partia se submetida a choques violentos nos recreios nem dependia de pilhas para ser eficaz (poluição zero), o tempo de consulta era inferior ao de uma calculadora de hoje, porém isso nunca levou ninguém a advogar que decorar a tabuada era inútil. Eu sei que uma das respostas a que estou sujeito é a clássica: trata-se de um sujeito antiquado, avesso à inovação, com nítida incapacidade para aprender... Mas é completamente falso. Ou melhor é parcialmente falso pois é verdade que tenho dificuldade em aprender, mas não é de agora, sempre a tive incluindo no tempo em que estas tecnologias não existiam. Nem tenho aversão às coisas novas, pelo contrário. Considero os computadores utilíssimos e aprendi, sem instrutor regular, a utilizá-los o que, aliás, é fácil. Estudar Matemática (no que investi muito) é bem mais difícil e até desconfio de que há muitos que preferem o manuseamento dos computadores por isso mesmo. Continuo a crer que devemos dar preferência ao que é melhor, seja novo ou velho, esteja na moda ou não.

Toda esta divagação veio a pretexto de tentar compreender por que é que os leitores da Gazeta parecem preferir responder com papel e esferográfica (em envelope de resposta paga), em vez de utilizarem a internet e divagámos sem esquecer o intuito provocatório atrás anunciado. Mas regressemos ao Inquérito sobre a Gazeta.

Até ao presente, graças principalmente às velhas tecnologias, obtivemos 81 respostas, 68 pelo correio e 13 pela internet. Como a tiragem tem sido de 3.000, um pouco mais em números recentes (já houve um número de que se tiraram 5.000 exemplares), aquele número de respostas já tem algum significado.

Vamos fazer uma análise breve das respostas ao inquérito.

O resultado é bastante melhor do que se esperava.

Assim à pergunta a respeito da impressão geral causada pela parte noticiosa da Gazeta, 65% respondem que foi "positiva" e 29% que foi "muito positiva". Conclui-se que 94% dos leitores considera a parte noticiosa satisfatória.

Devo observar que a minha própria opinião estava longe de ser tão positiva.

O mundo da Matemática não está parado, acontecem coisas e há mudança. Há congressos e encontros, há descobertas, há Olimpíadas de Matemática em vários países (bem como internacionais ou por áreas geográficas), há medalhas Fields e outros prémios, etc. O profissional da Matemática deve estar a par. Em particular o professor. Pode este ignorar quem ganhou a medalha Fields, que não há Prémio Nobel da Matemática (por que razões?) e que existe um Prémio Abel? Que responder aos seus alunos se estes o interrogam sobre matérias fora do que é estritamente do programa? Há alunos que se lembram de perguntar coisas estranhas como se há matemáticas (isto é, mulheres) importantes? Se sim, quem? Que fizeram, que descobriram? Dê um só exemplo de um teorema importante descoberto por uma mulher. Refiro este exemplo porque já assisti à pergunta e ao embaraço de quem devia responder. É claro que para se estar informado, tem de existir um veículo que difunda as informações. Este objectivo não é fácil de conseguir. Para reunir informações, seleccioná-las e apresentá-las de forma adequada são necessários meios de que a Gazeta, por enquanto, dificilmente pode dispor. Por isso estávamos e estamos insatisfeitos com o que se fez até agora. Acresce que a comunidade matemática portuguesa não sente ainda a Gazeta como possível veículo para noticiar e registar para o futuro o que aconte-

ce, o que faz e o que organiza. Ou seja, é muito escassa a matéria noticiosa que nos é enviada espontaneamente e a Gazeta não tem (por enquanto) equipas de reportagem.

Quanto ao aspecto gráfico, a soma das respostas que o consideram “muito bom” e “bom” dá 94% (59% bom, 35% muito bom).

O preço da Gazeta de Matemática é considerado aceitável por 86% e barato por 11%. Ou seja, só 3% acham a Gazeta cara.

Não me surpreendem as respostas sobre o aspecto gráfico e quanto ao preço considero-o aceitável talvez mesmo barato. Um problema grave e de peso são as despesas de correio.

Quantas vezes deve sair a Gazeta por ano? Duas ou mais?

Pessoalmente acho que devia sair mais. Não temos falta de material, as razões por que sai só duas vezes são outras e têm a ver com problemas financeiros. A propósito, registre-se que não tem sido fácil captar publicidade mesmo de instituições de Ensino Superior das quais era de esperar maior apoio nesse aspecto. Ora 75% dizem que deve sair mais vezes, 25% que se deve manter a frequência actual.

Quanto à actividade profissional de quem responde ao nosso inquérito, a grande maioria, como era de esperar, são professores. Não sabemos que percentagem de assinantes ou leitores são professores em cada um dos graus de ensino. Mas sabemos dos que responderam ao inquérito. Destes, 30% ensinam no Ensino Superior, 19% no Básico, 36% no Secundário e só 15% assinalaram outras profissões. Alguns são estudantes, muito provavelmente com a intenção de serem professores. Nem todos de entre estes 15% se dizem estudantes pelo que parece poder concluir-se que

a Gazeta é lida por poucos estudantes. Em contraste, 59% acha que a Gazeta teria muito interesse para estudantes, 36% que talvez tenha interesse, os restantes 5% consideram que não tem interesse nenhum.

Tendo em conta a profissão que exercem, 14% consideram que a Gazeta lhes é “muito útil”, directamente ou indirectamente. Depois, 46% consideram que lhes é “útil” e 30% consideram que “mais ou menos” (“pouco” e “muito pouco” somam 10%). Como quase todos são professores, poderá concluir-se que da Gazeta é possível extrair-se matéria que facilite a preparação de aulas ou leve a aulas mais interessantes. De facto esta é uma das esperanças da Gazeta.

Dos que responderam, 92% dizem ser assinantes, o que não surpreende. Um pequeno número, 8%, não assina a Gazeta e tê-la-á visto porque comprou números isolados ou porque lhe foi emprestada. A grande maioria, 93%, dizem-se sócios da SPM. Um dos nossos objectivos, praticamente não realizado, era precisamente conseguir muitos leitores de entre os que não são sócios da SPM. A Gazeta de Matemática não é o órgão oficial da SPM, não reflecte as opiniões da SPM, nem se destina só aos sócios. Pelo contrário é concebida de modo a interessar uma vastíssima audiência de entre os que (como se disse no início) utilizem ou gostem da Matemática e de modo a pôr em confronto uma grande pluralidade de opiniões. Esta é a intenção; os inquéritos e pedidos de opinião ao leitor destinam-se a avaliar em que medida se realizou a intenção.

De todas as respostas ao inquérito, mais de 30 contêm observações e sugestões. Não caíram no esquecimento, estão a ser atentamente estudadas pela Redacção.

Nova secção de **Cartas dos Leitores** a partir do próximo número.

Mande-nos a sua opinião por correio electrónico para spmat@mat.uc.pt ou por correio normal para a sede da SPM ao cuidado do Director da Gazeta de Matemática.